



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E LAZER DE ALUNOS EVANGÉLICOS¹

Talita de Carvalho Sajorato²
Ana Carolina Capellini Rigoni³

PALAVRAS-CHAVE: *Educação Física Escolar; lazer; alunos evangélicos.*

1 INTRODUÇÃO

É expressivo o aumento do número de alunos evangélicos nas escolas brasileiras e a forma como estes segmentos religiosos influenciam na regulação dos comportamentos e dos corpos de seus fiéis, agenciando, inclusive, a relação das crianças e adolescentes com a aula de Educação Física (EF) e com as práticas corporais. Estas questões, por sua vez, afetam diretamente a relação destes sujeitos com as práticas de lazer. São muitos os alunos evangélicos que sofrem restrições da família e da Igreja, por exemplo, no que diz respeito à participação em jogos, danças, e outros conteúdos da EF e do lazer.

Snyders(2006) afirma que a escola deveria ser o lugar onde o aluno acessa conhecimentos e práticas com as quais possivelmente não teria chance de entrar em contato fora da escola. Neste caso, a EF é a principal disciplina escolar responsável pelo “encontro” dos alunos com as práticas corporais. As igrejas evangélicas (tradicionais), no entanto, muitas vezes buscam evitar alguns destes encontros por considerá-los “mundanos” (RIGONI, 2013).

O objetivo deste projeto foi, portanto, analisar como e se a experiência afetiva com as práticas corporais vivenciadas durante as aulas de EF são capazes de transformar a relação de alunos evangélicos com estas práticas e com o “uso do corpo” no tempo livre. Neste sentido, mais do que analisar o modo como os sujeitos mediam os conhecimentos da igreja com os conhecimentos da EF, queremos compreender como estes alunos, ao participarem de práticas corporais podem desenvolver uma experiência afetiva com o movimento e, deste modo, levar sua relação com essas práticas para além da escola, ou seja, para o seu tempo de lazer.

2 METODOLOGIA

Para compreendermos estas questões realizamos uma etnografia em duas escolas públicas no município de Piracicaba-SP. Selecionamos uma turma em

1 Projeto financiado pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- com o número de processo 2016/13375-0. Esse projeto está vinculado a um projeto maior também financiado pela FAPESP com número de processo 2016/04647-7.

2 Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), talitasajorato@gmail.com

3 Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), anacarolinarigoni@yahoo.com.br

cada escola e, além da observação e registro em caderno de campo, conversarmos diariamente com os sujeitos selecionados bem como, realizamos entrevistas semiestruturadas com a intenção de sanar dúvidas que ainda permaneciam.

3 DESCRIÇÕES, RESULTADOS, INTERPRETAÇÕES

Como observado por Rigoni e Daolio (2016), não são poucos os casos de pais e pastores que proíbem as crianças e adolescentes de participarem das aulas de EF e de qualquer outra atividade que tenha como princípio o movimento e as práticas corporais sem fins religiosos. Isso porque há uma diferenciação muito clara, para os membros das igrejas estudadas, entre “as coisas de Deus” e as “coisas do mundo”.

Apesar de a igreja ocupar um grande espaço na tomada de decisão dos fiéis, Rigoni e Daolio (2014), observaram que os fiéis pentecostais vão criando modos próprios de lidar com as diferentes exigências (religiosas versus escolares). Talvez seja possível falar que eles vão produzindo acordos entre o que cada uma das instituições ensina. Esses acordos, como afirmam os autores, vão sendo estabelecidos com conhecimento e “permissão” (num sentido velado) da instituição religiosa, que vai assimilando as mudanças diárias e se acomodando às novas demandas da “fé.

Um dado interessante é o fato de que os alunos evangélicos de hoje já não se diferenciam dos outros da forma como se diferenciavam há alguns anos, como, por exemplo, quando Rigoni (2008) realizou sua etnografia numa Igreja Assembleia de Deus. Isto confirma, como afirma Almeida (2010), certo afrouxamento dos costumes. Esta flexibilidade das regras é fundamental quando o que está em jogo é a apropriação das práticas corporais pelos jovens evangélicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, podemos perceber que alguns alunos conseguem superar as limitações religiosas e usufruir das práticas corporais fora da escola. No entanto, a maioria dos jovens vivencia seu tempo de lazer entre outros jovens da mesma denominação religiosa e, em muitos casos, num local próprio da Igreja

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. Religião em transição. In: Horizontes das Ciências Sociais: Antropologia. Coordenador geral Carlos Benedito Martins. Coordenador de área Luiz Fernando Dias Duarte. São Paulo: **Anpocs**, 2010. p. 367-415.
- RIGONI, Ana Carolina Capellini; DAOLIO, Jocimar. Educação Física e Religião: Tensões entre a Educação para o Lazer e a Busca do Prazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.19, n.2, p. 364-387, 2016.
- RIGONI, Ana Carolina Capellini; DAOLIO, Jocimar. Corpos na escola: reflexões sobre Educação Física e religião. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 875-894, 2014.
- RIGONI, Ana Carolina Capellini. **Corpos na escola: (des)compassos entre educação física e religião**. 2013. 176f.
- RIGONI, Ana Carolina Capellini. **Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino**: implicações para a Educação Física Escolar. 2008, 160f.
- SNYDERS, G. Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2005.